

MARTIN, Gabriela. **Pré-História do Nordeste do Brasil**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1996. p.395

RESENHADO POR PEDRO IGNÁCIO SCHMITZ*

No Brasil, a pesquisa arqueológica inicia na década de 1960, em raros estados, na de 1950.

Desde então, muitas centenas de trabalhos monográficos ou sintéticos foram publicados em revistas, anais ou livros. Trabalhos abrangentes sobre estados inteiros só existem para o Rio Grande do Sul (Arno A. Kern, org.: *Arqueologia pré-histórica do Rio Grande do Sul*, 1991) e o Rio de Janeiro (Maria da Conceição Beltrão: *Pré-história do estado do Rio de Janeiro*, 1978). A única síntese brasileira (André Prous: *Arqueologia Brasileira*, 1992) se baseia sobre dados geralmente anteriores a 1982. Está em preparo, mas ainda não disponível, uma nova síntese nacional, com dados atualizados até julho de 1996, a ser publicada pela UFRJ (Maria Cristina Tenório, Organizadora).

Por isso é tão importante a *Pré-História do Nordeste do Brasil*, escrita por uma pessoa de grande cultura geral, profunda conhecedora da arqueologia do Nordeste, pesquisadora exigente e fluente escritora.

Gabriela Martin teve toda a sua formação na Espanha, mas, desde muitos anos, trabalha no Brasil, sendo a Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em História da UFPE, que mantém uma forte concentração em Pré-História do Brasil e projetos arqueológicos em vários estados nordestinos.

O livro depois do breve prefácio, se desenvolve em oito capítulos. O primeiro conta a história da pré-história nordestina: a miragem do velho mundo, com a presença dos fenícios, Atlântida, tribos de Israel, o mito das Sete Cidades e das civilizações perdidas, o fascínio pelas pinturas e gravuras em abrigos e blocos rochosos, o começo da pesquisa científica, suas instituições, congressos e reuniões.

O segundo capítulo trata do meio geográfico.

O terceiro se ocupa com a antiguidade do Homem: as datas do povoamento e os primeiros nordestinos. Acompanha o capítulo uma listagem completa das datas de C-14 do Nordeste: perto de 300.

O quarto capítulo apresenta as áreas mais estudadas. A autora destaca três espaços onde a pesquisa foi mais ampla e profunda, que chama *áreas arqueológicas*: São Raimundo Nonato, no Piauí, onde a equipe de Niède Guidon trabalha desde 1970; Seridó, no Rio Grande do Norte, área da equipe de Gabriela Martin, e Central, na Bahia, da equipe de Maria da Conceição Beltrão. Enumera depois áreas em que a pesquisa foi menos ampla e profunda, que chama *enclaves arqueológicos*: o Médio São Francisco, o Sudeste da Bahia, a microrregião de Arcoverde (PE), o município de Bom Jardim (PE) e o litoral. Ao lado desses espaços existem outros, compreendendo estados inteiros, onde houve pouca ou nenhuma atividade científica.

O capítulo quinto é dedicado aos resultados da pesquisa, ou como os arqueólogos analisam, hierarquizam e denominam os materiais e informações conseguidos, criando tradições tecnológicas ou culturais. As etapas ou períodos mais antigos correspondem à longa etapa em que o homem provê a sua subsistência através da caça e da coleta; os mais recentes mostram a diversidade tecnológica e cultural de populações, que, além da caça e da coleta, têm à sua disposição as plantas domesticadas.

O sexto capítulo é dedicado ao rico universo simbólico, latente nas pinturas e gravuras rupestres. É discutida não apenas a forma de análise e a interpretação dos dados, mas são apresentados, também, as grandes tradições de *arte rupestre*.

O sétimo capítulo, fala do conhecimento que podemos conseguir estudando os sepultamentos.

O último capítulo é dedicado ao futuro da arqueologia nordestina, com novos pesquisadores e novas abordagens.

Após os capítulos, seguem 42 páginas listando a bibliografia sobre a Pré-História do Nordeste. Ainda um índice de figuras, um índice onomástico e um índice de sítios, municípios e logradouros. O texto é ilustrado com 105 figuras no texto e 35 páginas de fotografias.

Resumindo as informações dispersas em centenas de escritos, muitas vezes pouco ou nada acessíveis, a autora presta inestimável serviços para a compreensão e continuidade da Pré-história. Transformando o conhecimento adquirido num texto fluente, compreensível, equilibrado e bem ilustrado, colocou esse acervo a disposição de qualquer leitor interessado.

O equilíbrio, às vezes até a complacência, com relação a opiniões divergentes, e a evitação de desnecessárias citações bibliográficas no texto, estão de acordo com o caráter impresso ao livro: um instrumento de cultura destinado a um público amplo, não necessariamente interessado nas divergências da classe.

O livro é recomendado para um público diversificado, que abrange desde o especialista que vai apreciar especialmente a reunião de todos os dados, o aluno de Arqueologia, que vai aproveitar também a discussão sobre métodos, e o cidadão culto a quem se abre um imenso horizonte sobre a história da região.

¹Resenha publicada na Revista Estudos Leopodinenses. Série História. v.1., n.1., 1997. p.201-103

^{*}Professor do Programa de Pós-Graduação em História - UNISINOS e Diretor do Instituto Anchietano de Pesquisas - UNISINOS. Doutor em Geografia e História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.